A MORTE EM MEMÓRIAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Ilana Sprada Piala[1]
Isadora Ferronato Galeski[2]
Marisete T. Hoffmann-Horochovski[3]

Resumo

A morte na atualidade é dessocializada, tecnificada e interdita, na medida em que ela é jogada, na perspectiva elisiana, para os bastidores da vida cotidiana e pouco se comenta sobre ela. Com a pandemia de COVID-19, contudo, há novas transformações no universo da morte, devido à ameaça constante e ao número crescente de mortes ocasionadas pelo coronavírus. Por causa das medidas sanitárias, os rituais do luto foram suprimidos ou acelerados, não sendo possível velar e enterrar as pessoas adequadamente; em algumas regiões do país foi necessário, inclusive, enterrar os mortos em valas comuns, o que interferiu no processo de luto. Neste cenário, este trabalho tem como objetivos: compreender a morte, os rituais fúnebres e o luto como construção social; resgatar e analisar memórias de morte; e identificar as principais mudanças em torno da morte e dos ritos funerários no contexto pandêmico. Para isso, num primeiro momento, foi feita uma revisão de literatura sobre morte e sobre memória e, num segundo momento, por meio da metodologia da história oral, buscou-se resgatar memórias e experiências da pandemia, especialmente relacionadas à morte e ao luto.

[1] UFPR

[2] UFPR

[3] Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PGSOCIO) da UFPR

Por fim, analisou-se essas memórias, sublinhando as principais mudanças e permanências em torno do universo da morte.

Palavras-chave:
Pandemia; Memórias; Morte.

Abstract

Death in contemporary times is desocialized, technicalized, and repressed, as it is, in Eliasian terms, pushed to the backstage of everyday life and seldom discussed. With the COVID-19 pandemic, however, new transformations have emerged in the realm of death due to the constant threat and the rising number of deaths caused by the coronavirus. As a result of public health measures, mourning rituals were either suppressed or hastily performed, making it impossible to hold wakes and funerals properly; in some regions of the country, it was even necessary to bury the dead in mass graves, which significantly disrupted the grieving process. In this context, the present study aims to understand death, funeral rituals, and mourning as social constructs, retrieve and analyze memories of death, and identify the main changes related to death and funerary rites during the pandemic. To do that, the study first undertook a literature review on death and memory. Subsequently, through the methodology of oral history, sought to recover memories and experiences of the pandemic, particularly those connected to death and mourning. Finally, these memories were analyzed, highlighting the principal changes and continuities within the death domain.

Keywords:
Pandemic; Memories; Death.

Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou, em janeiro de 2020, situação de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional devido à rápida propagação do novo coronavírus (OPAS, 2020) e, no mês de março,

pandemia de COVID-19, indicando uma crise sanitária global, com uma diversidade de significâncias sociais. A contração da doença, e o medo da morte em consequência, figurava constantemente como uma ameaça aos indivíduos, alimentada pelos crescentes e significativos números de óbitos causados pelo coronavírus.

A forma de viver da maioria da população sofreu modificações, assim como a maneira de morrer ou de lidar com a morte. Os ritos funerários durante o período foram suprimidos ou acelerados para respeitar as medidas sanitárias; algumas das quais elaboradas com a finalidade de evitar aglomerações de pessoas e, assim, prevenir ou reduzir a propagação do vírus. Tendo em mente que o luto assoma uma complexidade de situações e aparece não só pela morte de alguém ou de múltiplas pessoas, mas sim como reação não patológica às perdas de pessoas, coisas e abstrações amadas (Freud, 2010, p. 103), tal processo foi presente e profundamente impactado por conta da magnitude desse evento. Assim como outras mudanças e acontecimentos resultantes da pandemia, nas mais diversas esferas, ainda não temos o pleno entendimento sobre os diversos lutos e seus desdobramentos.

No presente trabalho, desenvolvido no âmbito da Iniciação Científica, buscamos resgatar e analisar algumas memórias de morte e experiências de luto desse período recente, com o intento de identificar as principais transformações e permanências nas atitudes diante da morte. Desse modo, foi necessário, num primeiro momento, conceber a morte como construção social, tarefa embasada pela pesquisa bibliográfica sobre a morte, os rituais fúnebres e o luto. Num segundo momento, foram registradas experiências vivenciadas, transmitidas oralmente, por cinco mulheres com relação à morte e ao morrer na pandemia. Por fim, procurou-se, ainda que preliminarmente, realizar uma análise da morte em memórias no contexto da pandemia de COVID-19.

Morte e Memórias: uma revisão de literatura

A morte é uma preocupação dos vivos, segundo Elias (2001), posto que somente nós podemos nos enlutar, chorar, prevenir, morrer, pensar e escrever sobre. A maneira como lidamos com a morte atualmente não se dá de forma linear, apesar de podermos colocá-la como uma noção formada "ao longo do tempo" ou como uma "longa evolução" (Ariès, 2012, p. 79). Mas uma conclusão

plausível ao analisar a história do ocidente de Ariès é que a nossa relação com a morte é transformada conforme outras mudanças sociais. A importância que damos à morte expressa, em partes, como se dão as nossas relações em sociedade. Ariès (2012), ao fazer um estudo histórico de como o homem reage diante da morte, faz uma longa recuperação bibliográfica, documental e artística acerca das noções que envolvem a morte, luto e ritos.

Antes de falar da morte em tempos hodiernos, porém, precisamos compreender as relações anteriores do homem diante da morte dispostas por Ariès (2012). De acordo com o historiador francês, na Idade Média não se cultuava os mortos como na Grécia antiga. As pessoas abandonavam os corpos à igreja, mais preocupados com a alma durante os processos que envolviam a morte, como a busca pelo perdão, tanto do moribundo com a comunidade, como da comunidade para com o moribundo e principalmente do moribundo para com o divino. Essa suposta indiferença da pessoa da Idade Média revela a relação dessa sociedade para com a morte, tida como algo público e natural. A morte na Idade Média era uma concepção coletiva de destinação, não se procurava fugir da morte, aceitar a morte era aceitar o destino, a ordem natural da vida. A morte era recebida com certa calma e aceitação, o aviso da morte era esperado, a morte era domada no sentido de que o indivíduo tinha o tempo necessário de se conscientizar e se preparar para ela. Desse modo, a morte súbita era excepcional, vista como mal agouro. Seja por sentimento ou por premonição próprios ou de um terceiro, devia se saber da iminência da morte, de forma que os ritos pudessem ser cumpridos: "A simplicidade com que os ritos da morte eram aceitos e cumpridos, de modo cerimonial, evidentemente, mas sem caráter dramático ou gestos de emoção excessivos" (Ariès, 2012, p. 39).

A nova sensibilidade sobre a morte que surge no século XVIII vem, para Ariès (2012), como um resultado do sentimento de família (que aparece na mesma época), das afetividades e dos costumes atrelados a ele. A afetividade familiar tomou conta do espaço que era antes da desconfiança, fazendo com que fosse substituída pela confiança na família. O autor usa de exemplo o testamento, que outrora foi uma ferramenta usada para que os herdeiros cumprissem os desejos do morto, mas que foi perdendo espaço graças à confiança na família, fazendo com que não fosse tão necessário testemunhar seus desejos *post mortem*. Assim, na confiança legada à família, o moribundo é cada vez mais privado de sua morte e das decisões que a envolvem (Ariès, 2012).

O culto dos túmulos que surgiu no século XIX é uma transformação social que também é explicada pelo novo sentimento de família, exprime a necessidade que as pessoas sentiram de honrar seus mortos. Como expressou Ariès (2012), surge uma nova sensibilidade no século XVIII, até aqueles não religiosos cultuam os túmulos, procuram nas lápides manter a memória do outro, do morto. Ainda mantemos os ritos funerários, mas a morte já não possui a mesma centralidade que possuía no século XIX. A morte se torna privada à família, o luto significa um sentimento particular, também não remonta às obrigações ritualísticas da Idade Média, mas ainda sim velamos e enterramos nossos mortos de forma a honrá-los. Mas a morte se torna interdita, inicialmente a centralidade da preocupação da morte do outro a torna inconcebível pelas afetividades geradas pelo sentimento de família, mas o que a torna inominável perante a sociedade é a aversão ao dramático, a sentimentos e perturbação muito fortes que não se encaixam no cotidiano da vida. Vivemos como se fossemos imortais, mesmo com a consciência de nossa mortalidade, perante uma sociedade na qual o sentimento do luto é muito pesado para aqueles que vivem em aparência de plena felicidade (Ariès, 2012).

A morte da Idade Média era domada, calmamente aceita e cotidiana. Também já foi dramática no século XIX, mas ainda sim cotidiana. Hoje em dia lidar com a morte e falar dela, é excepcional e dramático, mas o drama não está numa noção romântica do século XIX e sim na disrupção da vida comum. Antigamente a morte era familiar, era presente no imaginário cotidiano, fazia parte do estilo de vida. A partir do século XX, falar da morte causa estranhamento, provoca tensão emocional estranha ao estilo de vida contemporâneo (Ariès, 2012).

A juventude também estranha a morte. Ela, a princípio, não tem os recursos necessários à mão quando está diante do luto e não sabe como agir diante da morte: "A discrição e constrangimento no lidar com a morte e o morrer são perceptíveis principalmente nas gerações mais jovens que, socializadas numa fase em que ela já não era pública e familiar, não sabem o que falar ou como agir" (Hoffmann-Horochovski, 2013, p. 75).

Esse comportamento de privação da morte também diz respeito a outro aspecto da vida contemporânea, a tecnificação da vida e da morte. As decisões que envolvem a morte não são mais feitas somente pelo moribundo, ou por ele e sua família, mas em conjunto com uma equipe médica. O hospital se tornou o lugar da morte na modernidade e continua sendo até hoje (Ariès, 2012).

A tecnificação da morte concede à equipe médica o papel central no novo cerimonial que a envolve. O hospital, aliado à dificuldade com que se depara a família para cuidar de seus doentes, passa a representar um distanciamento, a possibilidade de não conviver de perto com a morte. Tornou-se o espaço da morte na atualidade, contribuindo significativamente para sua dessocialização; a cada dia ela é mais excluída do universo dos vivos - é menos nomeada, discutida, percebida, perdendo seu caráter público e interativo. Hoje, é considerada ideal quando ocorre sem alardes, quase que em segredo, solitária e silenciosa (Hoffmann-Horochovski, 2013, p. 71).

A morte é posta como ameaça da vida social, ao mesmo tempo que revela fragilidades humanas, o sentimento não cabe publicamente e é reprimido individualmente. Nossa atitude em relação à morte na atualidade não pode ser explicada sem a compreensão da tecnificação da morte, pois isto não significa somente uma morte interdita pela equipe médica, mas também um processo de criação de segurança em relação à maior expectativa de vida. Essa segurança também retira a morte do cotidiano: "A vida é mais longa, a morte é adiada. O espetáculo da morte não é mais corriqueiro. Ficou mais fácil esquecer a morte no curso normal da vida" (Elias, 2001, p. 10).

Esse conjunto de consequências que podem ser percebidas nas atitudes em relação à morte é resultado das transformações decorrentes do processo civilizatório (Elias, 2001; Hoffmann-Horochovski, 2013), que levam à sua crescente interdição (Ariès, 2012).

Sobre a privação dos moribundos da própria morte, resultante do processo de individualização do luto e da aversão ao drama na vida cotidiana: "É claro que essa individualização e, por extensão, a discrição das emoções, refletem no tratamento concedido aos moribundos que ficam cada vez mais isolados: presentificam em vida a ideia inquietante e ameaçadora da morte" (Hoffmann-Horochovski, 2013, p. 74).

Portanto, em relação a outras formas de lidar com a morte, na atualidade nossa atitude diante da morte é interdita, nossa relação com a morte mudou em conjunto com as transformações socioeconômicas e culturais. Somos privados da morte na mesma medida em que somos privados das obrigações com uma comunidade, somos poupados de lidar com o luto alheio, enquanto lidamos com o nosso sozinhos; não cabe no estilo de vida contemporâneo, esse que é individualista e que prega a felicidade plena, um "estilo de morte" (Ariès, 2012) socializado.

Nessa conjuntura, considera-se razoável admitir que parte da memória de um indivíduo que vivenciou as formas de lidar com a morte, dentro do limite da duração da vida, seja reflexo das transformações nessa esfera, na medida em que as lembranças evocadas se passam no tempo e no espaço exteriores e fixados coletivamente. Para mais desta concessão mínima de que a memória não é isolada ou encerrada em si, Maurice Halbwachs (1990) afirma que tal faculdade se apoia na história vivida, de forma que a época se encontra viva nas recordações e nas pessoas, dotadas de maneiras de pensar, sentir e viver próprias daquela atmosfera social e psicológica única. Como sujeitos do seu tempo, o meio social possibilita não somente o contato com o passado, como também fornece os quadros nos quais se conservam as lembranças. O social tendo, então, maior papel do que o esperado no exercício da memória, frequente e ilusoriamente vista como apenas individual.

Não obstante, a sociedade influi para reiterar lembranças, ora mediante depoimentos a fim de fortalecer e/ou complementar recordações sobre um evento; ora por meio do deslocamento entre grupos sociais, mesmo que em pensamento nas situações presenciadas individualmente, ao entrar em contato e adotar o ponto de vista dos outros membros com os quais pensa e lembra em conjunto, da mesma forma que se identifica e confunde o passado biográfico com o coletivo. Enquanto a memória é permeada pela sociedade e construída coletivamente, para a recuperação das lembranças se torna necessário partilhar de noções comuns aos que fazem parte de uma mesma coletividade (Halbwachs, 1990).

Ainda que certas ideias e lembranças aparentam ser puramente pessoais — impressão decorrente das múltiplas influências sociais assimiladas sem resistência alguma —, aquelas evocadas e representadas com maior facilidade são inspiradas pelo grupo social, conservadas e apoiadas nas coletividades nas quais os indivíduos estão inseridos. Assim, lembranças que concernem a uma minoria apresentam maior complexidade no atendimento das condições necessárias para que sejam relembradas; quando essas não são correspondidas, como na ausência de uma relação estreita, o esquecimento atua em detrimento e em vantagem de determinados grupos, dependendo do momento. Evidenciadas as diferentes intensidades das memórias, a posição ocupada e as relações mantidas com diversos meios sociais sujeitam as memórias individuais a variações e diversificações, posto que essas são um ponto de vista sobre a memória coletiva, como também um processo de reconstrução do passado considerado a partir dos referenciais do presente (Halbwachs, 1990). Dessa forma, a análise sociológica realizada por

Halbwachs assinala a relevância do meio social na memória, sem, no entanto, reduzir o sujeito à coletividade ou afirmar uma primazia absoluta da sociedade sobre o indivíduo (Hoffmann-Horochovski, 2013).

Em continuidade à discussão acerca da memória, Michael Pollak (1989) coloca como central a constituição e a formalização dessa, em especial os atores e os processos envolvidos. Para isso, mobiliza pontos da teoria precedente e desenvolve, mesmo que em tom de oposição e crítica, as breves menções feitas por Halbwachs no tocante da seletividade e negociação da memória coletiva em relação às memórias individuais. Com efeito, o autor concebe o trabalho de enquadramento dos fatos do passado, subentendido em quaisquer memórias, como organizado e orientado no sentido da manutenção da coesão, da identidade e das fronteiras dos grupos sociais e em função dos contatos e dos conflitos esperados, compreendendo diversos atores no processo. Nessa ótica, a memória coletiva oficial, majoritária e dominante é considerada a partir da potencialidade uniformizadora, opressora e destruidora de memórias com conteúdos discordantes e particulares aos grupos marginalizados, minoritários e dominados, configurando a memória como um campo de disputa.

Priorizadas na análise de Pollak (1989), as memórias subterrâneas encontram-se na esfera do indizível, do vergonhoso ou do proibido enquanto são transmitidas informalmente nas redes de sociabilidade, até o momento oportuno em que ocupam o espaço público e contestam a credibilidade e a organização de uma memória que é imposta e divergente na reinterpretação do passado. Indicado para compreender a construção da memória coletiva, o estudo do esforço de enquadramento dos acontecimentos passados é contraposto com a história oral, vista como uma ferramenta para a escuta das memórias individuais e a compreensão das memórias subterrâneas ainda não amplamente socializadas. Nessa significação, a prática das entrevistas na modalidade da história de vida origina narrativas consideradas a partir das trajetórias e experiências pessoais, sem a intenção e a apresentação de relatos factuais ou históricos, ainda que intrínsecas à vida social. Dessa natureza, dificilmente são obtidas de outra maneira.

Similarmente às memórias subterrâneas, indizíveis em decorrência da condição relativa à memória coletiva oficial, as memórias que contemplam a morte, o luto e os rituais fúnebres são não ditas, ou privadamente proferidas, por causa da interdição que permeia tais temáticas na atualidade. Apesar desta interdição, é na manutenção dos ritos funerários e na preservação da memória do morto, que a existência da pessoa é prolongada para além da vida fisiológi-

ca, nas realizações consideradas significativas para os contemporâneos e para as gerações futuras. Em outras palavras, os mortos perduram somente nas memórias dos vivos do presente e do futuro. Ademais, o caráter perturbador da morte hoje, como já foi discutido, se deve em partes ao medo da perda e da destruição dos elementos pelos quais a humanidade preza. O luto como resposta ao abalo de perder um ente amado, também caracterizado pela ausência do engajamento com o mundo externo em que o falecido não é distinguido materialmente enquanto o afeto pelo objeto eliminado não é redirecionado, tem como movimento se voltar para as memórias do que foi perdido (Freud, 2010). Dessa forma, é na continuidade da coletividade e nas relações de mútua dependência entre os sujeitos de tempos e domínios distintos — passado e futuro, vivos e mortos — que as ações e as vivências humanas são dotadas de sentido (Elias, 2001).

Metodologia

Maria Isaura de Queiroz (1987) escreve sobre a técnica da história oral, destacando a importância em conservar o não explícito, dito, escrito ou registrado — nos termos de Halbwachs (1990), o passado vivido preservado nas memórias em contraste com o passado apreendido dos lacônicos fatos históricos. Na interação entre o informante e o pesquisador, o primeiro procura transmitir a própria experiência e é legitimado por ser marcado pelo meio sociocultural em que está inserido, como também por ter conhecido, vivido ou deter dados sobre um acontecimento de interesse para o trabalho realizado pelo segundo, com o intuito de colher algo que se reporta às coletividades. Tal dinâmica é expressa na história de vida, clara tentativa de recuperar memórias e estabelecer uma identidade durante a existência, pela narrativa linear e individual sobre a trajetória, os incidentes e as relações sociais estabelecidas através do tempo, com mínima interferência na fala por parte do pesquisador. Igualmente manifesta nas entrevistas sob a forma de depoimento, mais curtos e com maior orientação e mediação do pesquisador.

A postura ativa do pesquisador, evidenciada em ambas as técnicas da história oral debatidas, história de vida e depoimento, foi razão de críticas na defesa da pura objetividade na prática científica no final da década de 1940. A conseguinte preferência pela técnica da amostragem com questionários, todavia, era perpassada pela individualidade do pesquisador nas mesmas etapas da escolha das temáticas, elaboração das perguntas e seleção das informações, partilhadas

por métodos tanto qualitativos como quantitativos no levantamento de dados para a pesquisa social (Queiroz, 1987). Portanto, o caráter científico do empreendimento não é comprometido pelo uso de relatos orais, em quaisquer modalidades, sob o pretexto da subjetividade que é própria de qualquer pesquisa. De forma análoga, o trabalho com a memória proporciona informações frequentemente originais, relevantes e indispensáveis para a análise do âmbito social.

Considerando o objetivo de coletar memórias de morte para análise, parte da metodologia deste estudo se baseia na pesquisa bibliográfica sobre memória, morte, rituais fúnebres e luto. A concepção utilizada foi de que a pesquisa bibliográfica visa reconhecer e examinar estudos feitos numa área do conhecimento, possibilitando observar, considerar e analisar o campo, percebendo o que é mais tratado e aquilo que tem menos presença nas produções; assim como orientar as demais etapas da pesquisa no tratamento desses temas (Minayo, 2007).

A técnica de coleta utilizada é o grupo focal, posto aqui como a seleção de um grupo de pessoas que pertençam a um grupo social ou que possuam certas características que as permitam discutir sobre um assunto, sobre um tema de pesquisa, possibilitando a coleta de dados sobre a questão estudada (Gatti, 2005). Como já dito, a pesquisa qualitativa tem neste trabalho o objetivo de coletar memórias de morte da pandemia de COVID-19, permitindo a análise e interpretação dos dados. Para isso se fez um grupo focal com pessoas que passaram por este evento e se conversou com o narrador para esclarecer esse objetivo. Para auxiliar a pesquisa foi feito um roteiro de perguntas direcionadas a pandemia. Dessa forma o relator narra, em certa medida, tendo o conhecimento sobre o tema da pesquisa. Assim, procurou-se que os pesquisados narrassem sobre sua relação com a morte, especialmente durante a pandemia de COVID-19, para refletir sobre as transformações em seu universo social e simbólico.

O grupo focal se tornou, de fato, uma roda de conversa, com a participação observante de duas das autoras, na perspectiva de Wacquant (2002), de forma que elas também se tornaram narradoras dos depoimentos apresentados. Cinco mulheres conversaram sobre suas experiências vivenciadas no período pandêmico, especialmente relacionadas à morte e ao luto. Como todas sabiam do tema da pesquisa, se reconhece uma possível influência nos relatos, mas que não invalida o resgate das memórias do período e as análises preliminares apresentadas.

Análise das narrativas

Reconhecendo a pandemia de COVID-19 como um momento atípico no que diz respeito à saúde pública, podemos perceber que foi conjuntura excepcional no que diz respeito à vida e à morte. Foi um período de mudanças abruptas, termos como "novo normal" foram utilizados na busca pela assimilação da realidade em súbitas transformações. Mudanças fazem parte da realidade social, a excepcionalidade das alterações da pandemia advém da agressividade e do quão abruptamente essas transformações de tamanha magnitude ocorreram. Sofremos uma série de angústias diante da propagação de uma doença mortal que tão pouco conhecíamos.

Durante a coleta de depoimentos é possível perceber como o medo e a raiva estavam presentes no cotidiano pandêmico. A raiva aparece na fala das participantes[4] ao discorrer sobre mortes que poderiam ter sido evitadas pela aplicação da vacina:

Foi 14 de abril de 2021. Os meus pais perderam um grande amigo deles [...]. Ele foi internado em março com a mãe dele, com o irmão dele. E ambos conseguiram sair do hospital. E ele não conseguiu sair. Ele acabou falecendo de COVID nesse dia, 14 de abril. Eu lembro muito bem assim porque eu estava dando aula, e foi umas nove da noite e aí minha mãe saiu do nada, toda arrumada. Falei: "ué, onde você vai?" E daí ela: "O M. morreu, preciso ajudar a D.", que era amiga dela. E aí eu lembro que nesse, que foi um choque pra mim, eu comecei a chorar e eu estava dando aula! E meu mundo ficou assim... Meu Deus. Era aula online. Só que essa minha aluna era médica. [...] A gente conversou justamente sobre isso, essa questão do luto que o primeiro sentimento não é uma tristeza, foi raiva! Porque a gente pensou que essa morte podia ter sido totalmente evitada (Pamela).

O medo é principalmente associado a transmissão da doença para entes queridos, da morte desses e da morte de si:

Quando penso em 2020, tem duas coisas assim, que eu lembro. O primeiro é o ensino remoto emergencial, aquela primeira leva de ensino remoto emergencial [...] E eu lembro que assim a gente tava todo mundo meio perdido, e ao mesmo tempo a disciplina parece que ajudou assim, a gente conversava coisas que ajudavam a centrar um pouquinho, porque estávamos todos assustados assim: "o que vai acontecer?". E as reuniões [de estudos], que era um momento que eu

4 Os nomes utilizados são fictícios.

fazia uma conexão com a realidade para além da pandemia, para além da esfera, assim, que você está dentro de casa. E aí uma das coisas que… porque a gente tinha, eu tinha muito medo [...]. Eu ia na casa dos meus pais, somente uma vez por mês, encomendava, comprava o mercado tudo online assim, e ia cheia de coisa lá pra baixo, máscara, chegava em casa, passava álcool em absolutamente todas as compras, tomava banho, deixei um cesto de roupa suja, do lado da porta [...] Se descesse duas vezes no dia, tomava, fazia o mesmo ritual. Porque a gente não tinha informação exata, de como era a transmissão, e aí com pessoa que tinha risco dentro de casa, isso aumentava a tensão, né? E eu lembro que eu só saia assim mesmo, além de receber compra no prédio, ia visitar minha mãe e meu pai, e ficava muito longe deles, sempre com máscara, ficava muito longe. E uma preocupação com eles, porque eles estavam idosos, assim, com medo de transmitir mesmo, eles ficarem doentes e não resistir (Sofia).

Como apontado no relato, o medo também era relacionado à falta de conhecimento técnico-científico sobre a doença. Numa sociedade tecnificada e previsível, a proliferação da COVID-19 enquanto doença potencialmente mortal, de sintomas e sequelas inéditas e que não possuímos tratamento muito menos cura, foi extremamente disruptiva. De repente a morte saiu dos bastidores e foi jogada para os holofotes, contrariando as noções contemporâneas acerca da morte. A doença, desconsiderando os esforços civilizatórios e protocolos funerários, se fez presente no cotidiano, tornando a morte parte do dia a dia e impedindo-nos de tratar nossos mortos como fazíamos, do leito à sepultura, de forma técnica, perfeita e inodora (Elias, 2001). As maneiras de lidar com a vida, com a morte e com o luto sofreram mudanças abruptas.

Os doentes por outras causas também foram afetados, por causa do distanciamento forçado em prol da preservação da vida ou do pouco tempo de vida. Os enlutados dos mortos no período da pandemia (essa cujo final é difuso) de outras causas que não COVID-19, também sofreram um distanciamento forçado das ritualísticas da morte, impossibilitando a realização costumeira de velórios e enterros por conta dos protocolos sanitários. Ao falar sobre as mortes decorrentes de câncer de uma avó e uma bisavó, Fernanda relata o luto na pandemia, destacando a tristeza de não poder acompanhar apropriadamente as duas familiares enquanto doentes:

Nos dois casos, teve um luto, também, de não poder estar tão presente, nessa fase da doença, gente não conseguia estar tão presente quanto a gente estaria, normalmente, fora da pandemia. Então, teve muito um luto disso, por mais que

se quisesse estar junto, não podia se estar junto porque, obviamente, as duas eram idosas, então, já eram um perfil de risco, ainda doentes, né, baixa imunidade por causa do câncer (Fernanda).

Assim, a pandemia causou outros lutos, como o do distanciamento, que não foram originados de morte pela COVID-19, mas pela ruptura dos costumes.

A ausência dos rituais também gerou sentimentos de dor e pesar:

O que mais me foi difícil, eu acho, foi a morte da minha madrinha. [...] Porque a minha madrinha foi quem me acolheu quando eu era criança e perdi minha vó. Então, a minha primeira grande perda foi a minha vó. E a minha madrinha me acolheu. Eu lembro que fui correndo pra casa dela, porque o velório da vó foi dentro da casa, com todos aqueles rituais, de fechar as janelas, enfim, e as crianças, lá, junto. Mas… eu sofri muito, e aí fui correndo na casa da minha madrinha, e fiquei lá, com ela. E a minha madrinha morreu, em 2020, e eu não fui ao velório. Ela não morreu de COVID, ela morreu de câncer. [...] tinha protocolos sanitários muito rígidos no velório, né? Então, não podia ter aglomeração, era pouco tempo que ficava velando, e ela foi velada em Mandirituba. E a minha mãe é… era assim, melhor amiga dela, elas eram muito amigas. E pra minha mãe foi muito triste isso, também. A gente não foi, não foi ninguém lá de casa. E a gente não foi tipo, eu não fui pra proteger as pessoas da minha família que tavam assim numa situação mais de risco mesmo, né? Minha mãe não foi por conta do meu pai. Isso é uma dor muito grande. Isso é difícil [para] você fazer o processo de luto (Sofia).

Nessa fala notamos como o medo da doença e da morte afetou a realização de rituais fúnebres, a falta de melhores métodos efetivos de prevenção contra a COVID-19 deixou como única forma de preservação de saúde e da vida o distanciamento e a quarentena. Mesmo no caso dos mortos por outras causas, os rituais não puderam ser feitos de forma plena, visto que os perigos da doença afligiam os vivos.

Em outro momento, Sofia conta a história de um familiar idoso que, para evitar a contaminação, ficou isolado junto à sua família. Tão logo a situação parecia mais controlada, com a aplicação da vacinação para todos, ele saiu do isolamento para ver como estava suas terras em outro estado. Contraiu COVID-19 e morreu em pouco menos de um mês, longe de seus familiares.

E daí em 2022, já estava aquela coisa, já tava bem melhor, e diz que ele foi visitar, foi pra fazenda, e contraiu COVID, ficou doente lá, e morreu lá, e foi enterrado lá, sem com que a minha tia ou as minhas primas fossem. Uma delas que

foi pra fazer o reconhecimento, cuidar da burocracia, porque como morreu de COVID, ficou, ficou… não tinha como. E o pai falava isso, [...] que isso é muito triste: "como assim as pessoas não podem se despedir?" (Sofia).

Mesmo diante dos esforços, de abdicar da vida antiga durante a pandemia e ficar longe de seu lugar preferido, ele morre de COVID-19 no início de 2022. A morte pela doença significa maior impedimento de realização dos rituais, somente uma das filhas foi até o local da morte, mas principalmente por causa dos processos burocráticos que envolvem a morte.

Morte, velhice e juventude: sendo a morte na nossa sociedade um problema associado a velhice (Hoffmann-Horochovski, 2013), como a pandemia afetou os jovens que não tem a morte de si, ou de pessoas de sua faixa etária, tão presentes em seu imaginário?

[...] esse vizinho, quando ele morreu foi muito estranho, assim, eu não conversava com ele, estudava na mesma escola que eu, eu não tinha o menor contato com ele, mas foi um negócio muito chocante, assim. Que foi no início da pandemia eu nem sabia direito o que era COVID, e era um menino que tinha uma idade muito parecida com a minha. E daí, era uma época também que muitas pessoas colocavam que, ah, mas quem vai morrer disso são só pessoas mais velhas, assim. Aí, começou a morrer pessoas mais novas, eles viram que não, também acomete essas pessoas. Então, acho que foi o único caso, assim, mais próximo a mim, que de fato morreu de COVID (Vitória).

Percebemos na fala de Vitória um fator importante no que tange ao contexto pandêmico no que se refere a morte e a incerteza: inicialmente se pensava que a doença somente afetava gravemente os mais velhos. Como exposto na fala, essa suposição foi utilizada inclusive como ferramenta para acalmar a maioria da população: os velhos naturalmente já estavam próximos da morte, logo a situação não era tão grave assim. Ao longo da pandemia, contudo, o conhecimento técnico-científico sobre a doença aumentou e foi se percebendo a relação das mortes com outras condições que não só a velhice. Vitória revela no seu estranhamento como em uma sociedade em que a morte é associada à velhice, a morte do jovem aparece como uma ruptura da ordem natural da vida e da morte (Hoffmann-Horochovski, 2013).

Outra forma de luto que aparece é pela antiga vida, a de antes da pandemia, como pode ser observado no seguinte diálogo:

E esse meio que um outro luto, que eu leio muito, que talvez seja interessante colocar, e acho que todo mundo vai mencionar isso, da pandemia, que é essa

sensação, do tempo que você perdeu, da pandemia, do que você não fez, que a pessoa você seria se a pandemia não tivesse acontecido, se você pudesse ter vivenciado de sua vida, normalmente. Ou refletir sobre a pessoa que você é agora, porque ela aconteceu, que, de certa forma, as pessoas que nós éramos antes da pandemia, pelo menos quem ficou em casa, porque teve gente que nunca parou, as pessoas, quem ficou em casa, eu acho que a gente sente luto por quem a gente era antes disso (Pamela).

Toda a vida, né, que você tinha (Sofia).

Toda a vida que a gente tinha. De pessoas, as vezes que a gente se afastou, nem que faleceram, que a gente se afastou, porque percebeu que essas pessoas não estavam alinhadas com o que pensava. E, eu realmente, muitas perdas, tantas físicas, perdas, materiais, também, de tempo, de ideias (Pamela).

É que dá impressão, parece que durante a pandemia, a gente entrou em um modo de suspensão, assim, tipo, como se a gente ficasse dois anos congelados, e aí depois voltasse, e tipo, nada estivesse… nada fica como era antes, sabe. Tipo, a gente também não é a mesma pessoa de antes (Vitória).

Nessas falas percebemos um fator do contexto vivido na pandemia; o distanciamento forçado, em prol da saúde e preservação da vida, e as transformações abruptas causaram uma sensação de desprendimento de si e da realidade. Essa ruptura pode ser colocada como o não reconhecimento ou aceitação das mudanças, uma resposta aos traumas da pandemia.

Nesse sentido o esquecimento também aparece nas falas como possível resposta traumática. Quando inquirida sobre lembranças da pandemia – "Tem algum momento marcante da pandemia que gostaria de falar? Alguma lembrança feliz da pandemia? O que foi mais difícil para você?" (perguntas do roteiro) – Carla afirmou repetidamente que suas poucas lembranças da pandemia eram *flashes*, que de pouco se lembrava:

Não lembro. Não, não sei como eu me senti na pandemia. É como se eu tivesse dormido e acordado esse ano, que aí, esse ano, eu sinto que eu tô melhor. Mesmo que ano passado eu tenha trabalhado em telemarketing, é outra coisa que já passou assim, da memória, sabe. Aí parece que esse ano [2023] realmente eu tô vivendo, que as memórias, eu consigo me lembrar claramente do começo do ano, do que eu queria fazer, como a trajetória que eu tive até aqui, mas, de 2019 até o final de 2022, assim é, dormi e acordei (Carla).

Outro fator notável nas narrativas é que em vista da crise sanitária decorrente do novo coronavírus, mesmo quem não perdeu pessoas próximas pode ter

vivenciado o período de forma traumática. No Brasil, a má gestão do governo da época não causou somente mortes que, a princípio, poderiam ser evitadas (com incentivo de prevenção como o uso de máscaras e não aglomeração e rapidez na aquisição e na aplicação de vacinas), mas também desesperança e desespero voltados a uma falta de perspectiva do fim da pandemia.

Eu lembro que eu estava em um estado de desesperança, assim, desesperança de tudo, desesperança política, de impotência, de tudo, né. Por causa do governo Bolsonaro em grande parte, assim. Porque eu lembro a gente, de, as empresas que faziam as vacinas, queriam usar o Brasil como exemplo, porque o Brasil tinha, tem o SUS, que é um grande… grande formato de vacinação. (Fernanda)

Pela atenção primária de atingir a população rapidamente, né, de conseguir fazer a vacinação (Sofia).

Então entraram em contato com a gente, no caso, com a gente Brasil, de primeira mão. [...] E não houve resposta, e a gente nessa situação de meu Deus, não tem vacina?! E já podia estar sendo aplicada a muito tempo (Fernanda).

Aplicada. Podia ter salvado muitas vidas (Sofia).

Esses trechos nos ajudam a recuperar a conjuntura pandêmica, o medo, a raiva, o desespero, todos atrelados à morte de alguma forma.

Conclusão

Este trabalho buscou resgatar experiências e memórias da pandemia de COVID-19, especialmente relacionadas à morte e ao luto. Para tanto foi feita uma revisão bibliográfica sobre morte, ritos fúnebres, luto e memória; um grupo focal com cinco participantes que enfrentaram a pandemia; e a análise dos relatos feitos durante a roda de conversa.

Assim, a COVID-19 aparece como o medo do desconhecido. A incerteza sobre as especificidades da doença dificultou ainda mais a vida na pandemia; limitou interações, convivência, cuidado e afeto, prejudicou uma soma de práticas sociais, inclusive a realização das cerimônias que permeiam a morte. Numa sociedade marcada pela tecnificação e previsibilidade da vida, a falta de conhecimento e tecnologia eficiente contra a doença, ou de diagnóstico, causaram um retraimento forçado das ritualísticas da morte, impedindo velórios e enterros dignos.

A morte não foi a única problemática da pandemia. O distanciamento e a reclusão, em prol da saúde e da preservação da vida, surgem como um fator que gerou adversidades; aqui, colocamos que gerou lutos. A impossibilidade da manutenção dos rituais fúnebres de forma costumeira provocou, em si, luto. Assim como o afastamento de uma antiga vida, do cotidiano ao qual estávamos acostumados, dos espaços em que estávamos inseridos pré-pandemia. Lidar com o contexto pandêmico também significa lidar com luto, já que esse foi repleto de morte, perdas e mudanças súbitas.

Sendo esse um trabalho em desenvolvimento, reconhecemos aqui algumas problemáticas que podem ser tratadas com mais profundidade: como os rituais em torno da morte geram consolo aos vivos e como a falta desses rituais durante a pandemia dificultou processos de luto (mas aumentou manifestações de dor e pesar no ambiente virtual); a COVID-19 e o cotidiano, a doença no dia a dia de uma sociedade tecnificada; permanência e momentaneidade das transformações pandêmicas nos rituais funerários.

Por fim, reconhece-se, na análise das falas, a potencialidade de recuperação da memória — nesse trabalho, memórias de morte na pandemia —, sendo possível observar, nos relatos, experiências pandêmicas que envolvem morte, luto e a ausência de rituais fúnebres. Notamos, ainda, como, enquanto sociedade, tínhamos nossos costumes e necessidades, que a pandemia nos obrigou a modificar.

RECEBIDO em 12/04/2025
APROVADO em 06/06/2025

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 12**: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha. **Memórias de morte e outras memórias**: lembranças de velhos. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007.

OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde). **OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus. 2020.** Disponível em: https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus. Acesso em 02/05/2024.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, III., Brasília, 1987. **Anais do III CBS**. Brasília: SBS, 1987, p. 1-26. Disponível em: https://portal.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=-com_docman&task=doc_download&gid=3825&Itemid=170. Acesso em: 21 março 2023.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma** - notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.